

# É SÓ UMA GRIPEZINHA? PERCURSOS DE SENTIDOS DA COVID-19 NO BRASIL À LUZ DAS CIÊNCIAS DO LÉXICO

IS IT JUST A LITTLE FLU? COVID-19 DIRECTIONS IN BRAZIL IN THE LIGHT OF LEXICO SCIENCES

Cacildo Galdino Ribeiro<sup>1</sup>  
 Maiune de Oliveira Silva<sup>2</sup>  
 Maria José Alves<sup>3</sup>  
 Maria Helena de Paula<sup>4</sup>  
 Vanessa Regina Duarte Xavier<sup>5</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar as palavras proferidas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro para se referir à pandemia do *coronavírus* no Brasil. O infográfico, em forma de linha do tempo, extraído do jornal *A Gazeta*, apresenta trechos dos discursos do presidente realizados entre janeiro e abril de 2020, no Brasil e no exterior. Cabe dizer que a metodologia foi qualitativa e bibliográfica. O referencial teórico embasou-se no conceito prévio de palavra em Saussure (2006) e em autores do campo da linguagem que se dedicam a definir esse complexo conceito nos mais diversos níveis linguísticos, a saber: lexical (BIDERMAN, 2001); fonológico (CAMARA JR., 1971); morfológico (COELHO, 2006), (BLOOMFIELD, 1978 [1926]); semântico (MACAMBIRA, 2000), (ELSON; PICKETT, 1962), sintático (PERINI, 2006), além do ortográfico (TRASK, 2011). Nesse sentido, foi possível observar que o presidente sempre se aludia à pandemia em seus discursos usando palavras que tentavam minimizar a real situação do vírus no país.

**Palavras-chave:** Palavra. Jair Bolsonaro. Pandemia. Léxico.

**Abstract:** This paper aims to analyze the words spoken by President Jair Messias Bolsonaro to refer to the *coronavirus* pandemic in Brazil. The infographic, in the form of a timeline, extracted from the newspaper *A Gazeta*, presents excerpts from the president's speeches made between January and April 2020, in Brazil and abroad. It should be noted that the methodology was qualitative and bibliographic. The theoretical framework was based on the previous concept of word in Saussure (2006) and on authors in the field of language who are dedicated to defining this complex concept at the most diverse linguistic levels, namely: lexical (BIDERMAN, 2001); phonological (CAMARA JR., 1971); morphological (COELHO, 2006), (BLOOMFIELD, 1978 [1926]); semantic (MACAMBIRA, 2000), (ELSON; PICKETT, 1962), syntactic (PERINI, 2006), in addition to orthographic (TRASK, 2011). That the president always alluded to the pandemic in his speeches using words that tried to minimize the real situation of the virus in the country.

**Keywords:** Word. Jair Bolsonaro. Pandemic. Lexicon.

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos da Linguagem - Universidade Federal de Catalão - UFCAT. E-mail: gal\_rib@hotmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1306-6546>

<sup>2</sup> Doutoranda em Estudos da Linguagem - Universidade Federal de Catalão - UFCAT. E-mail: maiune20@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8498-9420>

<sup>3</sup> Doutoranda em Estudos da Linguagem - Universidade Federal de Catalão - UFCAT. E-mail: maria.alves@ifto.edu.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6380-7379>

<sup>4</sup> Doutora em Linguística e Língua Portuguesa. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - Universidade Federal de Catalão - UFCAT. E-mail: mhpcat@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7422-327X>

<sup>5</sup> Doutora em Filologia e Linguística Portuguesa. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - Universidade Federal de Catalão - UFCAT. E-mail: vrdxavier@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6718-2361>

## Introdução

Biderman (2001) diz que é a partir da palavra que a realidade pôde ser nomeada e identificada pelo ser humano. A designação da realidade engendra um universo significativo revelado pela linguagem e resulta em um processo de categorização, compreendido como a capacidade que temos de discriminar, por meio de semelhanças e diferenças, os referentes apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do homem. É esse processo de nomeação que relaciona o léxico das línguas naturais de modo indissociável à cultura.

O léxico de uma língua é um conjunto de palavras em constante dinamicidade e expansão. É preciso sempre criar novas palavras ou ressignificar as já existentes no acervo lexical para designar novos conceitos que vão sendo inaugurados na vida humana. À medida que se criam novas realidades, o homem elabora novas palavras, ou admite empréstimos de outras línguas ou, ainda, amplia o significado de palavras já existentes na língua, em um processo que não cessa. (BIDERMAN, 2001)

Na área médica, por exemplo, novos termos são sempre criados para designar doenças que surgem e acometem os seres humanos e/ou animais. Assim foi com a *Covid-19*, sigla inglesa criada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para designar o *Corona Virus Disease*, que em tradução livre seria Doença do *Coronavírus* (PORTAL FIOCRUZ, 2020). A numeração 19 faz referência ao ano em que os primeiros casos da doença foram identificados em seres humanos em Wuhan, na China, considerada epicentro da pandemia; e ainda foi utilizada para diferenciar essa doença de outras homônimas igualmente transmitidas por morcegos.

O *coronavírus* é transmitido pelo SARS-COV-2, uma das sete espécies de vírus que se hospeda em morcegos e pode infectar seres humanos, causando sérios problemas respiratórios. É digno de nota, também, que o nome *coronavírus* foi criado pelo fato de o vírus assemelhar-se a uma coroa, quando visto pelo microscópio eletrônico. As primeiras manifestações do vírus foram divulgadas pelo governo chinês, em dezembro de 2019. Todavia, apenas em fevereiro de 2020 a doença foi oficialmente registrada pela OMS. Em março de 2020, foi oficializada a situação de pandemia devido ao número de casos de contaminação pela doença e por ter se espalhado rapidamente por todos os países do mundo.

No Brasil, o primeiro caso constatado da doença foi confirmado pelo Ministério Público em 25 de fevereiro, após um homem de 61 anos ter vindo da Itália para São Paulo. Entre fevereiro e maio, o número de casos aumentou rapidamente e, em 14 de junho de 2020, o jornal *O Globo*

(2020) publicizou o *ranking* noticiado pela Universidade John Hopkins, no qual o Brasil havia se tornado o segundo país com o maior número de mortes provocadas pelo *coronavírus*.

Em situações de pandemia, é consenso entre a comunidade científica de todos os lugares do mundo que as autoridades competentes devem se posicionar de modo a tentar minimizar a contaminação populacional, seguindo à risca recomendações de autoridades que entendem do assunto. A OMS recomenda evitar aglomerações, usar máscaras e praticar o distanciamento social de, no mínimo, um metro entre as pessoas, para que o vírus não se propague, evitando infecções e mortes. Deste modo, fecharam-se locais em que aglomerações são inevitáveis, a saber: escolas, universidades, templos religiosos, entre outros, a fim de evitar a transmissão pelo SARS-COV-2.

Tendo em vista a nova realidade imposta pela pandemia causada pela *Covid-19*, observamos que o comportamento dos brasileiros acerca das consequências implicadas pelo vírus não é unânime, uma vez que enquanto uma parte da população se isola, usa máscaras e utiliza álcool gel para se proteger, outra parcela ignora as recomendações da OMS e segue sua rotina normalmente. Neste segundo grupo estão os negacionistas, inspirados pelo presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro (CAPONI, 2020). Durante os meses de janeiro a abril de 2020, o presidente seguiu uma rotina de estar com populares que dele se aproximavam por algum motivo, aos seus ministros e assessores, sem utilizar máscara nem manter o distanciamento de segurança, situação amplamente publicizada nos noticiários de televisão e em sites na internet. Além disso, muitas foram as suas entrevistas e falas menosprezando a letalidade do vírus.

A escolha do infográfico, referido como *corpus* deste estudo, deu-se em função das sucessivas entrevistas do presidente tentando minimizar o impacto da pandemia que assola o mundo inteiro. Para tentar passar a imagem de que não havia motivos para preocupação e de que o mais importante era salvar a economia, porque o país não podia parar, ele utilizou discursos que tentaram suavizar e, até mesmo, desprezar as consequências do contágio pela doença, reforçando uma atitude negacionista ante a doença e seus efeitos.

Partindo desse contexto, realizamos um breve estudo sobre o conceito de palavra, pautados em estudiosos como Saussure (2006), Biderman (2001), Bloomfield (1978 [1926], 1933), Camara Jr. (1971), entre outros que versam sobre essa concepção extremamente complexa nas mais diversas linhas teóricas das ciências da linguagem, no intuito de demonstrar a relatividade conceitual desse termo e, posteriormente, apresentamos a análise léxico-cultural de palavras extraídas de 21 trechos de entrevistas concedidas pelo presidente do Brasil, publicadas no infográfico, em forma de linha do tempo, pelo jornal *A Gazeta*, de modo a identificar nelas a relatividade de sentidos adquiridos no momento em que foram proferidas nas entrevistas publicadas nos meios de comunicação, especialmente em plataformas digitais de notícias.

Assim, este artigo está organizado da seguinte forma: a princípio, tecemos comentários sobre o conceito de palavra em diferentes perspectivas, buscando compreender os principais argumentos utilizados por cada linha teórica para designá-la; *a posteriori*, usando os pressupostos teóricos de estudiosos da linguagem, discorreremos sobre as palavras que dizem respeito à *Covid-19* e, por fim, fizemos as considerações finais.

### **Conceitos de palavra: perspectivas teóricas**

Nos estudos de Saussure, o conceito de palavra não está delineado como em outros estudos posteriores e atuais. O mestre genebrino registra importantes questionamentos sobre a identidade que descreve o discurso. Acerca da dificuldade de apreensão dessas unidades e sobre a certeza de sua existência, Saussure (2006) diz que:

A língua apresenta, pois, esse caráter estranho e surpreendente de não oferecer entidades perceptíveis à primeira vista, sem que se possa duvidar, entretanto, de que existam e que é seu jogo que a constitui. Trata-se, sem dúvida, de um traço que a distingue de todas as outras instituições semiológicas. (SAUSSURE, 2006, p. 124)

Entendemos que as “entidades perceptíveis à primeira vista” são as palavras, denominadas pelo autor de signos linguísticos e definidos como a união de um conceito e uma imagem acústica. O conceito é a imagem que se forma em nossa mente ao denominarmos um significado e a imagem acústica é a sequência fônica que quando pronunciada lhe serve de significante (SAUSSURE, 2006).

O signo é a palavra por excelência no *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006). A palavra pode ser equivalente a um signo, como em mar, cavalo, sol etc., ou a um signo composto de unidades complexas como em maresia e solar ou, ainda, em unidades maiores que as palavras como em sal marinho e mar alto. Vale lembrar que o sintagma é compreendido em Saussure como uma combinação linear de signos linguísticos composta também por “unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frases, frases inteiras)” (SAUSSURE, 2006, p. 143-144).

Ao problematizar os métodos de delimitação do signo como palavra, Saussure (1975, p. 122) ressalta que *cheval* (cavalo) e seu plural *chevaux* (cavalos) são dois signos distintos, tanto pelo sentido quanto pelos sons, embora “diz-se correntemente” que são equivalentes na forma. O autor destaca que a tentativa de delimitar palavra como unidade concreta leva a um impasse: deve-se ignorar a relação formal que une *cheval* e *chevaux* e dizer que são palavras diferentes ou ainda estabelecer uma abstração que reúna diversas formas da mesma palavra.

Para as ciências do léxico, o conceito de palavra também é uma tarefa complexa. A discussão em torno dessa problemática tem sido feita há muito tempo. No VI Congresso Internacional de Linguística<sup>6</sup>, realizado em Paris, em 1948, a questão dividiu as opiniões de especialistas presentes e levou muitos deles a adotarem uma postura radical sobre o tema. A esse respeito, F. Mikus (1957), citado por Biderman (2001, p. 105), ressalta que “[...] alguns linguistas (pouco numerosos), que, sem dificuldade, se declararam satisfeitos com as divisões, classificações, categorias e noções de gramática clássica [...]”, todavia, a maioria estava cética em relação a esse conceito fundamental da Linguística e pelo fato de não ter uma definição válida e aceitável de palavra. Holt, um dos linguistas que estavam no evento, propôs que a palavra deveria ser banida da linguística. Entretanto, Biderman (2001) observa que, se a noção de palavra fosse deixada de lado, as noções de morfologia, sintaxe e frase perderiam o sentido, haja vista que a gramática clássica foi arquitetada com base na noção de palavra-frase. (BIDERMAN, 2001)

Biderman (2001) discorre sobre os critérios de delimitação e de definição da palavra, quais sejam: i) critério fonológico; ii) gramatical ou morfossintático e iii) semântico. A estes acrescentamos os critérios morfológico e gráfico, que também são dignos de menção e serão apresentados a seguir.

A palavra fonológica é, segundo Trask (2011, p. 218), “algo que se pronuncia como uma única unidade”. Biderman (2001), por sua vez, elucida que os falantes geralmente não fazem pausas no interior de duas palavras. É por isso que ao se dizer *camisa azul* pronuncia-se [kamizazwl], em decorrência da ausência dessa pausa. É importante dizer, ainda, que é em função dessa elisão na modalidade oral da língua que algumas pessoas, principalmente crianças em fase de aquisição da escrita, costumam escrever palavras juntas que, pela norma ortográfica vigente da língua, seriam separadas por espaço em branco. Todavia, há línguas, como o grego clássico, em que o espaço era abolido da grafia, porque os escribas adotavam a *scripta* contínua.

Antes da existência do códice, os documentos manuscritos eram feitos em formato de rolo e o papel dos escribas era transcrever discursos orais nos quais, em sua maioria, não havia pausa, por isso não fazia sentido inserir espaços entre as palavras oralizadas (SPINA, 1977). Há, ainda, casos de palavras compostas, como *Covid-19*, *mal-educado*, *mal-humorado*, entre outras, em que não se percebe pausa alguma entre elas quando pronunciadas.

A técnica de inserir espaço em branco entre palavras desenvolveu-se na tradição greco-latina ocidental (BIDERMAN, 2001). Apesar de os espaços serem usados esporadicamente nos

---

<sup>6</sup> Esse evento foi realizado com pautas relacionadas à Linguística Clássica, como as noções de palavra, frase, Morfologia e Sintaxe. (BIDERMAN, 2001)

manuscritos, gregos e latinos, em função do movimento de (re)carregar a pena de metal no tinteiro, eles apenas se tornaram usuais a partir de meados da Idade Média, mais especificamente com o uso da escrita carolíngia (SPINA, 1977).

Camara Jr. (1971, p. 34) argumenta que “[a]s pausas marcam uma divisão acima dos vocábulos, que é a dos grupos de força”. Vale lembrar que, para o autor retromencionado, (1971, p. 34), palavra não se confunde com vocábulo, pois palavra é “um tipo especial de vocábulo, de significação restrita aos nomes e verbos”. Conjecturamos que essa significação restrita diz respeito ao fato de eles serem autônomos foneticamente, a exemplo de *Covid-19 mata*, em que as fronteiras existentes são devidamente marcadas na fala. Já a sequência substantivo e adjetivo, geralmente, não se encaixa nesse critério, pois eles se unem formando um bloco sonoro único, como em *camisa azul* [kamizazul], os quais são pronunciados sem pausa e se acoplam porque o ambiente fonético favorece essa junção intervocabular.

O vocábulo, para Camara Jr. (1970), é um modelo mental formal e significativo que para ser expresso precisa de uma das modalidades da língua. É exatamente a ausência de coincidência entre vocábulo mórfico ou formal e vocábulo fonológico que permitiu que Camara Jr. chegasse a essa constatação. Dito isto, faz-se mister trazer à baila os conceitos de vocábulo mórfico ou formal e vocábulo fonológico: vocábulo fonológico corresponde a “uma divisão espontânea na cadeia de emissão vocal” e o vocábulo mórfico ou formal se realiza “quando um segmento fônico se individualiza em função de um significado específico que lhe é atribuído na língua” (CAMARA JR., 1971, p. 34). O autor observa que a língua escrita está para o vocábulo mórfico e a falada para o vocábulo fonológico, embora nem sempre essa correspondência seja eficaz.

Concernente à palavra gramatical ou morfossintática, compreende-se que ela diz respeito à forma da palavra. É, segundo Trask (2011, p. 218), “qualquer uma das formas que um item lexical pode assumir para fins gramaticais”, referindo-se aos itens lexicais categorizáveis e classificáveis.

Perini (2006) pontua que, na gramática, as palavras se agrupam em unidades maiores, isto é, em sintagmas e os sintagmas se agrupam em orações. A sintaxe, especificamente, se ocupa do estudo dos sintagmas, sua composição e estruturação em unidades maiores, ou seja, estuda a relação de uma palavra com a outra dentro do contexto frasal. Dubois *et al.* (1998) dizem que a gramática

descreve as regras pelas quais se combinam as unidades significativas em frases; a sintaxe, que trata das funções e distingue-se tradicionalmente da morfologia, estudo das formas ou das partes do discurso, de suas flexões e das formações das palavras ou derivação. A sintaxe, às vezes, tem sido confundida com a própria gramática. (DUBOIS *et al.*, 1998, p. 559)

No que tange à Morfologia, coube a Bloomfield definir o conceito de palavra. De acordo com os pressupostos teóricos da morfologia distribuída, o autor (1978 [1926]) conceituou palavra seguindo os seguintes princípios: i) um X mínimo que não consiste inteiramente em Xs menores; ii) uma forma que pode ser um enunciado livre. Uma forma que não é livre, é presa. Desta forma, *homem* e *doce* são livres, ao passo que *-r* (em colher) indica marca de infinitivo e *-ndo* (em escrevendo) indica marca de gerúndio, que são formas presas, pois não possuem sentido sozinhas; e iii) uma forma livre mínima é uma palavra, desde que tenha sentido (BLOOMFIELD, (1978 [1926]). Coelho (2006) denomina essas unidades mínimas portadoras de significado de morfema ou de monema, utilizando a nomenclatura de Martinet. O autor (2006) exemplifica essas unidades mínimas significativas com a frase “A menina andava” e faz a seguinte decomposição: /a/ indica função gramatical e determina o sujeito; /menin-/ refere-se à pessoa não adulta; /-a/ indica gênero, no caso, o feminino; /and-/ traduz um modo de locomoção por meio dos movimentos das pernas; /-a-/ indica função gramatical, nesse caso específico, o primeiro grupo de conjugações de verbos do português e /-va/ refere-se ao tempo verbal pretérito imperfeito do modo indicativo (COELHO, 2006, p. 23).

Consoante Bloomfield (1978 [1926]), palavra é, pois, uma forma que permite ser enunciada sozinha, mas não pode ser analisada em partes possíveis de serem enunciadas isoladamente. Concordamos com o autor, pois se a palavra /menino/, por exemplo, for analisada a partir da desarticulação, o /m/ que constitui o morfema /menin-/ deixa de ter significado e passa a ser um fonema, que possui função distintiva na língua.

Na obra *Language* (1933), Bloomfield apresenta a concepção de palavra já delineada anteriormente, mas dentro de uma nova perspectiva. Segundo ele, uma forma livre, quando acompanhada de duas formas livres menores, torna-se um sintagma. A palavra é a forma livre que não se decompõe em formas livres menores. Ele ainda acrescenta que a palavra, unidade mínima de forma livre, é a menor unidade do discurso; ou de outro modo: a palavra é a menor unidade linguística de que o falante tem consciência. Conclui-se, então, que Bloomfield reconhece a palavra por seu papel desempenhado na estrutura do enunciado.

Já na semântica, os estudos sobre o significado de palavra foram iniciados com Ullmann, nas décadas de 60 e 70. De acordo com seus pressupostos teóricos, a palavra é entendida como “a unidade semântica mínima do discurso” (ULLMANN, 1952 *apud* BIDERMAN, 2001, p. 151) e é indecomponível. Insta ressaltar que a palavra “semântica” é de origem grega e deriva de *sema*, que significa sinal; no latim, utiliza-se *significativo* para se referir à mesma palavra e o inglês utiliza *significs* e *semantics* para designar sinonimicamente a ciência da significação (MACAMBIRA, 2000).

É meritório de destaque que a classificação pelo critério semântico não é unanimidade entre os estudiosos do tema. Os formalistas, por exemplo, desconsideram o significado dos itens lexicais e preocupam-se com o aspecto formal do seu objeto de estudo. Biderman (2001) acrescenta que:

Na verdade, o alijamento da Semântica nas análises e teorizações linguísticas era devido à grande dificuldade de considerar simultaneamente a forma e o significado; de fato, os açados e convictos formalistas dos anos cinquenta e sessenta ficariam perplexos e sem ação se tivessem que introduzir as complexidades da significação nas suas teorias. (BIDERMAN, 2001, p. 151)

Concorde à autora (2001), Macambira (2000) cita Bloch e Trader (1942) que fazem a seguinte afirmação:

Ao fazer nossas classificações, não devemos apelar nem para o sentido, nem pela lógica abstrata, nem para a filosofia. As classes de palavras devem ser definidas ou pela flexão ou então, na falta da flexão, pelas funções sintáticas; nunca pelo sentido real ou imaginário que possam traduzir. (BLOCH e TRADER, 1942 *apud* MACAMBIRA, 2000, p. 19)

Já Elson e Pickett (1962), em posição contrária aos autores expostos acima, explanam que

Embora a análise científica e sistemática do sistema semântico esteja longe de ser coisa simples, pois faltam ainda processos que de modo completo analisem o sentido, não podemos consentir que tal fato nos induza a ignorá-lo, porquanto, ao que parece, não existe outro meio para compreender a estrutura da língua. (ELSON; PICKETT, 1962, p. 19)

O que se percebe é que alguns autores são favoráveis ao critério semântico, outros não. Entendemos que a significação pode sim ser utilizada desde que se tenha muita cautela<sup>7</sup>; como para fazer oposição, mostrando que *Covid-19* é diferente de *gripezinha*, pois as complicações e consequências daquela são mais devastadoras, também, para mostrar que o sufixo *-inha* de *molbadinha*, por exemplo, possui sentido diferente do sufixo *-inha* de *gripezinha*, haja vista que o primeiro designa alta intensidade, enquanto o segundo foi usado no sentido de buscar atenuar consequências irreversíveis de uma doença viral pandêmica.

Vale destacar que o conceito de palavra no âmbito da ortografia, ou seja, a palavra ortográfica, está relacionado à grafia da palavra, portanto, à tentativa de reprodução da fala na escrita, isto é, o registro gráfico da fala “com espaços brancos de ambos os lados, mas sem espaços

<sup>7</sup> Utilizamos o termo cautela porque sabemos que a relação entre palavra e seu significado não é tão simples, haja vista que as palavras possuem sentidos polissêmicos.



brancos em seu interior” (TRASK, 2011, p. 218). Assim, se escrevemos *Covid-19*, temos uma única palavra, mas se escrevemos *Covid-19 é uma gripezinha* temos quatro palavras, as quais estão isoladas por espaços em branco. Trask (2011) pontua que o interesse linguístico pelas palavras ortográficas é mínimo.

Ante a discussão feita nessa seção, ficou perceptível que a palavra está presente em todos os níveis da língua, mas a sua definição ainda está longe de deixar de ser um problema. Em razão da árdua tarefa de conceituá-la, Castilho (2016, p. 54) a considera uma “unidade linguística maldita”. Saussure (2006, p. 128) também reconhece sua complexidade e complementa que ela é “algo central no mecanismo da língua”. Concordamos com o mestre genebrino, uma vez que sem palavras dificilmente os falantes conseguirão se comunicar pela modalidade oral ou escrita.

### **Análise das palavras no discurso do Presidente do Brasil: perscrutando o *corpus***

Evidenciamos, na seção anterior, os muitos conceitos de palavra em diferentes campos de estudos da língua, a partir das teorias de estudiosos da linguagem que nos possibilitam dizer a dificuldade de chegar a um conceito que atenda aos interesses de pesquisadores de áreas distintas. Nota-se que a própria metalinguagem não possibilita única definição para um objeto de estudo de diferentes áreas da linguagem. Por isso, nos detivemos a analisar algumas palavras, relacionadas ao *coronavírus* e seus impactos na sociedade, a partir de uma perspectiva que percebe a palavra enquanto *lexia*<sup>8</sup>, cujo sentido depende do contexto social, histórico e cultural em que é utilizada. Vale mencionar que este estudo é de cunho lexical, portanto, a palavra aqui é entendida pela ótica dessa ciência. Por isso, não nos apoiamos na Fonologia, na Sintaxe, na Morfologia ou na ortografia, apesar de elas nos ajudarem a compreender o que é palavra em cada domínio; interessa-nos somente o léxico e os sentidos adquiridos dentro do contexto de uso.

Neste sentido, lançamos mão de manchetes veiculadas pela grande mídia entre os dias 26 de janeiro de 2020 e 24 de abril de 2020, extraídas de um infográfico elaborado pelo jornal *A Gazeta*, com o propósito de perceber as nuances depreendidas por palavras que foram utilizadas pela autoridade máxima do país na ocasião, o presidente Jair Messias Bolsonaro, para se referir à pandemia, e aos transtornos advindos disso de modo a evidenciarmos o poder que tem a palavra na sua dimensão significativa. Assim, palavras como *problema*, *vírus*, *coronavírus*, *isso*, *gripe*, *gripezinha*,

---

<sup>8</sup> BORBA (2003, p. 22) define *lexia* pelo prisma da estrutura mórfica. Para ele, “São simples as *lexias* formadas por uma única forma livre [cara, porto, vento] e complexas as que combinam mais de uma forma livre [porta-luvas, malme-quer, João-de-Barro] ou uma forma livre e uma ou mais de uma forma presa [desconsolo, incontrolável]”.

*resfriadinho* e *Messias* são significativas porque nos permitem compreender aspectos subjacentes a visões de mundo relativas às formas de encarar a pandemia.

Na maioria dos pronunciamentos realizados pelo presidente Jair Bolsonaro, no Brasil ou no exterior, é perceptível um certo desdém e descaso em relação às medidas recomendadas pela OMS. Enquanto outros países, de fato, seguiram o isolamento social ou o *lockdown* para tentar preservar vidas, no Brasil, essas medidas não têm recebido a devida credibilidade pelo chefe do Estado, fazendo com que se entre na contramão do que outros países vêm seguindo para tentar minimizar os impactos negativos da doença. A dificuldade em reconhecê-la como um problema a ser evitado, com o intuito de preservar vidas, fica evidenciada em suas falas mesmo antes de se constatar o primeiro caso, quando naquele momento se acreditava que nosso país, em razão do clima, não seria atingido pela pandemia na mesma proporção que outras regiões do globo.

Em 26 de janeiro, durante uma entrevista em Nova Délhi, na Índia, quando questionado sobre a possibilidade de o vírus chegar ao país, declarou “Estamos preocupados, obviamente, mas não é uma *situação alarmante*” (BOLSONARO, 26 de janeiro de 2020 citado por SILVA e PARTI, em 05 de maio de 2020, grifos nossos). Pouco mais de um mês depois dessa fala, em 6 de março, deparamo-nos com os seguintes dizeres “Ainda que o *problema* possa se agravar, não há motivo para pânico” (BOLSONARO, 6 de março de 2020, citado por SILVA e PARTI, em 05 de maio de 2020, grifo nosso), deixando clara sua dificuldade em se posicionar como um humanista, que pensa e cuida do seu povo, considerando os cuidados, recomendados pelos meios de comunicação, fantasiosos: “Obviamente temos no momento uma crise, uma pequena crise. No meu entender, muito mais *fantasia*, a questão do *coronavírus*, que não é isso tudo que a grande mídia propala ou propaga pelo mundo todo” (BOLSONARO, 10 de março de 2020, citado por SILVA e PARTI, em 05 de maio de 2020, grifo nosso).

No pronunciamento de 24 de março, o presidente Jair Bolsonaro criticou as medidas de isolamento social e as iniciativas realizadas por prefeitos e governadores para tentar conter o número de mortes que se alastrava rapidamente, chegando a utilizar as lexias *gripezinha* e *resfriadinho* para fazer alusão à doença do *coronavírus*.

Em seus pronunciamentos realizados no Palácio do Planalto e na TV, nos dias 20 e 24 de março de 2020, respectivamente, o presidente utilizou *gripezinha* duas vezes e *resfriadinho* uma vez para se referir à *Covid-19*. Vejamos os excertos extraídos do infográfico do jornal *A Gazeta*: i) “Depois de uma facada, não vai ser uma *gripezinha* que vai me matar” (BOLSONARO, 20 de março de 2020, citado por SILVA e PARTI, em 05 de maio de 2020, grifo nosso) e ii) “[...] no meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido, quando muito, de uma *gripezinha* ou

*resfriadinho*, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão [...]” (BOLSONARO, 24 de março de 2020, citado por SILVA e PARTI, em 05 de maio de 2020, grifos nossos).

O pronunciamento de Bolsonaro foi bastante criticado por brasileiros que vão contra a ideia do presidente. No Twitter, as *hashtags* #ForaBolsonaro e #BolsonaroGenocida ficaram no topo da rede social, sendo um dos assuntos mais comentados do país. De outro lado, os simpatizantes do governo saíram em sua defesa e subiram a *hashtag* #BolsonaroTemRazão, demonstrando solidariedade ao presidente.

Ao escolher as palavras *gripezinha* e *resfriadinho*, o presidente Bolsonaro teve como intuito diminuir a gravidade da pandemia. Quando disse que se ele fosse acometido pela doença nada o aconteceria porque tinha histórico de atleta e já havia passado por uma situação pior, como a facada<sup>9</sup>, o presidente tentou diminuir a população brasileira e o mundo, se colocando em situação de superioridade. Além disso, o presidente quis passar a imagem de que apenas pessoas com comorbidades que atrasassem a doença teriam o quadro de saúde agravado e evoluído à morte, como se a comorbidade adquirida anteriormente justificasse a doença e a morte. Atualmente, é sabido que essa afirmação não tem valor de verdade, pois pessoas sem qualquer comorbidade contraem o vírus, têm o quadro de saúde agravado e podem ser levadas a óbito.

Ao citar indiretamente a entrevista dada por Dráuzio Varella, ao programa de televisão “Fantástico”, em meados de março de 2020, o presidente deu a entender que as pessoas deveriam seguir as recomendações do Ministério da Saúde, mas ele não precisava, porque teria sintomas parecidos aos de uma *gripezinha* ou *resfriadinho*. Nesse sentido, é possível que seus simpatizantes tenham adotado medidas contrárias às recomendadas pelo órgão ministerial, porque o presidente, em seus discursos, tem atitudes que menosprezam a doença.

Durante uma entrevista no dia 26 de março de 2020, ao ser perguntado se o Brasil corria risco de sofrer um aumento do número de casos como nos Estados Unidos, o presidente respondeu:

O brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto ali, sai, mergulha, tá certo? E não acontece nada com ele. Eu acho até que muita gente já foi infectada no Brasil, há poucas semanas ou meses, e ele já tem anticorpos que ajuda a não proliferar *isso daí*. (BOLSONARO, 26 de março de 2020, citado por SILVA e PARTI, em 05 de maio de 2020, grifos nossos)

---

<sup>9</sup> A facada ocorreu em 6 de setembro de 2018, em Juiz de Fora, quando o presidente realizava uma de suas caminhadas em busca de eleitores para sua campanha.

O texto acima demonstra uma fala irônica do presidente Bolsonaro sobre as condições sanitárias precárias em que vive o povo brasileiro, ao mencionar a falta de rede de esgoto no país, superestimando a sua resistência a doenças graves, com base tão somente no seu juízo pessoal, ele ainda subestima a doença ao referir-se a ela com a *lexia isso daí*. É muito comum substituirmos uma palavra por outra para que cause, mais ou menos, impacto no que se diz. Antunes (2012) afirma que são muitos fatores que ocasionam a seleção das palavras a serem utilizadas nas atividades discursivas. Para ela: “[t]alvez nem seja pertinente tentar perceber quais desses fatores são mais importantes, uma vez que todos eles, na dependência do contexto em que atuamos, dos propósitos comunicativos que nos animam, interferem em nossas ações de escolhas” (ANTUNES, 2012, p. 53).

Em outra entrevista, com a situação mais agravada por ocasião do número de infectados e mortos pelo *coronavírus* no Brasil, o presidente disse: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre” (BOLSONARO, 20 de abril de 2020, citado por SILVA e PARTI, em 05 de maio de 2020), fazendo referência ao fato de ter “Messias” em seu nome, aludindo também aos milagres praticados por Jesus, o Messias, pelo viés do cristianismo. As palavras do presidente Bolsonaro demonstravam um posicionamento contrário ao do discurso anterior, em que afirmava que o brasileiro não “pegava” nada. Assim, o trocadilho usando o seu próprio sobrenome veio como outra ironia e modo de diminuir a sua responsabilidade acerca do número crescente de infectados pelo vírus no Brasil, como se medidas concretas não fossem capazes de diminuir os efeitos nefastos da epidemia no país, o que só aconteceria por meio de um milagre, ou seja, pela intervenção divina.

Em outra entrevista dada em frente ao Palácio da Alvorada, em 11 de março de 2020, o presidente disse que ligaria para o ministro da saúde, o médico Luiz Henrique Mandetta, para saber mais detalhes sobre o novo *coronavírus* e declarou: “[...] eu não sou médico. Eu não sou infectologista. O que eu ouvi até o momento [é que] outras *gripes* mataram mais do que essa” (BOLSONARO, 11 de março de 2020, citado por SILVA e PARTI, em 05 de maio de 2020, grifo nosso). Talvez o presidente esteja se referindo à gripe H1N1, transmitida pelo vírus influenza A, que ceifou 608 vidas e infectou 3.558 pessoas entre janeiro e junho de 2018 (G1 on-line, 2018), ou seja, uma quantidade bem menor que a *Covid-19* no mesmo espaço de tempo. É importante observar ainda que, nesse discurso, o presidente utilizou *gripe* e não *gripezinha* para se referir a outros surtos virais que, ocorridos anteriormente, também afetavam o sistema respiratório. Desse modo, ele equipara, mais uma vez, o *coronavírus* a um tipo de gripe, menosprezando a sua gravidade para a saúde pública dos brasileiros.

Mesmo declarando não ser médico, ele insistiu em ir de encontro às recomendações do ministro da saúde e de especialistas do mundo todo, mantendo-se contrário ao isolamento social. Faz-se mister sublinhar que pelo fato de não haver concordância entre as ideias apresentadas pelo presidente e pelo ministro da saúde, esse deixou o cargo no dia 16 de abril de 2020, pouco mais de um mês após essa declaração.

Alguns governadores e prefeitos, ao perceberem que o presidente estava minimizando os impactos do *coronavírus*, começaram a tomar medidas cabíveis mesmo sem apoio do chefe maior do Estado, o que foi alvo de críticas por parte dele. Em entrevista à rádio Super Tupi, no dia 17 de março, Bolsonaro declarou: “Esse *vírus* trouxe uma certa *histeria*. Tem alguns governadores, no meu entender, eu posso até estar errado, mas estão tomando medidas que vão prejudicar em muito a nossa economia” (BOLSONARO, 17 de março de 2020, citado por SILVA e PARTI, em 05 de maio de 2020, grifos nossos), demonstrando não ter visto essas medidas com bons olhos.

Nessa declaração, o presidente entende que não há motivos para realizar o distanciamento social, fechar comércios, trabalhar em *home office*, pois a economia seria a primeira a sentir os impactos, em outras palavras, sua principal preocupação era não prejudicar a economia do país. Um dia antes, o presidente, após comparecer presencialmente às manifestações de seus apoiadores, em frente ao Palácio da Alvorada, alegou em entrevista à rádio Bandeirantes que

Existe o *perigo*, mas está havendo um *superdimensionamento nesta questão*. Nós não podemos parar a economia. E eu tenho que dar o exemplo em todos os momentos. E fui, realmente, apertei a mão de muita gente em frente ao Palácio, aqui na Presidência da República, para demonstrar que estou com o povo (BOLSONARO, 17 de março de 2020, citado por SILVA e PARTI, em 05 de maio de 2020, grifos nossos).

Aqui, o presidente parece reconhecer o perigo da pandemia, todavia, declara considerar exageradas as medidas tomadas pelos governadores e prefeitos para contê-la, justamente, porque a economia seria afetada. No entanto, ele parece não considerar que o ambiente de trabalho é um local altamente contagioso por *Covid-19*, porque as pessoas trabalham aglomeradas, sem distanciamento, e que nele há pessoas idosas e que fazem parte do grupo de risco. Ademais, não só apoiou as manifestações realizadas em sua defesa e as consequentes aglomerações, mas também “apertou a mão” dos manifestantes, para demonstrar que estava “com o povo” e, portanto, defendendo seus interesses. Ao fazer isso, o presidente desconsiderou publicamente as recomendações amplamente divulgadas pela OMS de evitar os cumprimentos pelo contato das mãos, pela possibilidade de contágio que representam.

Numa entrevista dada no dia 25 de março, no Palácio da Alvorada, o presidente defendeu o isolamento vertical apenas para esses dois grupos, porque se a economia parasse, problemas como saqueamento a pessoas e instituições públicas e privadas poderiam acontecer. Essa fala foi repudiada pelo presidente do senado e pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Vale mencionar que em 22 de julho de 2020, o deputado Celso Maldaner (MSDB/SC) criou o Projeto de Lei 3907/20 que alterou as regras trabalhistas para esse período de pandemia. De modo geral, as leis permitem aos empregadores usar medidas que busquem evitar a demissão de contratados, tais como antecipar férias e feriados, beneficiar-se de férias coletivas, trabalhar em *home office* e utilizar-se do banco de horas para estar afastado das atividades laborais (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2020).

Outra questão digna de menção é o fato de ele dizer que precisaria dar exemplos de como superar a crise em todos os momentos e o modo como ele faz isso é indo a aglomerações sem máscara e tendo contato direto com os manifestantes, por meio de aperto de mão e abraços para demonstrar que os está apoiando. Desse modo, ele está infringindo todas as recomendações para combater o *coronavírus*, aumentando sobejamente o risco de contágio e contribuindo para colocar o país em segundo lugar no *ranking* com maior número de mortes (SAKAMOTO, 2020).

Em um evento realizado nos Estados Unidos da América, no dia 09 de março de 2020, o presidente deu a seguinte declaração: "Tem a questão do *coronavírus* também que, no meu entender, está sendo superdimensionado o poder destruidor desse *vírus*. Então, talvez esteja sendo potencializado, até por questões econômicas" (BOLSONARO, 09 de março de 2020, citado por SILVA e PARTI, em 05 de maio de 2020, grifos nossos).

Em outros momentos, o presidente diz, à sua maneira, que o Brasil vive uma situação séria de pandemia: "Muitos pegarão *isso* independente dos cuidados que tomem. Isso vai acontecer mais cedo ou mais tarde. Devemos respeitar, tomar as medidas sanitárias cabíveis, mas não podemos entrar numa neurose, como se fosse o fim do mundo"; "O vírus tá aí. Vamos ter que enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, não como um moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós iremos morrer um dia" (BOLSONARO, 15 e 29 de março de 2020, citado por SILVA e PARTI, em 05 de maio de 2020, grifo nosso). Embora o presidente diga que o povo brasileiro tenha que tomar as medidas sanitárias cabíveis, as demais falas não demonstram sensibilidade no trato de um problema que, naquele momento, já registrava aproximadamente 6.000 mortes. A fala do presidente nos remete ao senso comum de que "ninguém morre antes da hora", o que, de alguma maneira, pode justificar falta de cuidados consigo e com outros, na disseminação invisível dessa doença.

Nessa mesma perspectiva, o presidente desafiou o povo brasileiro, utilizando a palavra *medinho*, com o propósito de rebaixar as pessoas, dizer que são fracas ou covardes, diferentemente do sentido da palavra em outros contextos que pode ser apenas se referindo a alguém que tenha pouco medo: "Tá com medinho de pegar vírus? Tá de brincadeira. O vírus é uma coisa que 60% vai ter ou 70%. Não vai fugir disso" (BOLSONARO, 02 de abril de 2020, citado por SILVA e PARTI, em 05 de maio de 2020).

Outro aspecto que chama atenção é a simplificação da pandemia, criticando a *comoção nacional*, atribuindo exagero à imprensa, naturalizando as mortes de pessoas que, aparentemente, não fazem muita diferença para o presidente: "Já tivemos problemas mais graves no passado e não teve essa *comoção nacional*"; "Temos um vírus que está aí. Infelizmente *tem morrido gente*. Tem, né? Ninguém falou que ia ser diferente. Mas *o pavor foi demais*". Ademais, nos permite pensar que as pessoas não devem ouvir os alertas feitos exaustivamente e de forma tão necessária pela mídia: "Não tem que se acovardar com esse vírus" (BOLSONARO, 18 de março, e 18 e 19 de abril de 2020, citado por SILVA e PARTI, em 05 de maio de 2020, grifos nossos).

Esse percurso termina com falas bastante representativas de quem não teve postura de se solidarizar com o impactante número de mortes de pessoas de todas as idades e credos, das várias partes do país, quando ainda no mês de abril trouxe à tona uma fala que ficará ainda por muito tempo ecoando nos nossos ouvidos e provavelmente figurará nos livros de história, numa tentativa de se eximir da responsabilidade que tem nos ombros como chefe do Estado brasileiro. Quando perguntado sobre a quantidade de mortos em decorrência do novo *coronavírus*, em 20 de abril, durante sua fala costumeira em frente ao Palácio do Planalto, disse "Oh cara, quem fala, eu não sou coveiro, tá certo? Eu não sou coveiro" (BOLSONARO, 20 de abril de 2020, citado por SILVA e PARTI, em 05 de maio de 2020).

Cabe salientar que os sentidos adquiridos pelas palavras que destacamos criam situações bastante distintas para uma mesma realidade. Quantitativamente, a palavra *vírus* foi empregada 10 (dez) vezes, e *coronavírus* 2 (duas), permitindo constatar que não há referência direta à doença provocada pelo vírus em nenhuma das falas, mas somente ao causador da doença. Entretanto, ao utilizar somente essas expressões, também sem especificar o vírus, seu enunciador transmite uma falsa segurança, pois estamos constantemente propensos a vírus de maneira geral, o que deixa subentendido que há alarme desnecessário para toda a comoção vivenciada.

Nessa mesma linha de análise, quando se trata de fazer referência à doença, há a utilização da palavra *gripe* e suas derivadas 4 (quatro) vezes. Percebe-se, ao propagar que estamos lidando com uma gripe, uma tentativa de desconsiderar o problema real, haja vista que gripe é algo que já convivemos, não tendo necessidade de mudança de hábito para lidar com ela. Tratando de *gripezinha*

e *resfriadinho*, torna a situação bem mais confortável, como deixa depreender. Mas se for encarada como uma doença totalmente diferente de gripe, será necessário assumir e adotar as medidas recomendadas, o que contraria seus propósitos.

Tal compreensão retoma Bloomfield (1933) ao reconhecer que a palavra, por seu papel desempenhado na estrutura do enunciado, apresenta uma postura consciente do seu emprego, sendo preponderante para a visão de mundo que se quer transmitir. Essa relatividade quanto à escolha de uma palavra também tem respaldo nos estudos de Biderman (2001), que reconhece que todo falante tem consciência intuitiva, sendo motivada cada utilização pelo contexto, cujo vocabulário traduz uma situação peculiar.

### **Considerações finais**

Constatamos que não podemos falar em conceito de palavra no singular, precisamos sempre pensá-lo no plural, em conceitos de palavra, pois há vários conceitos para palavra, a depender do que se pretende estudar na língua, seja no âmbito da forma, da estrutura, da função ou do som. Por isso, fala-se na relatividade do conceito de palavra (BIDERMAN, 2001), numa perspectiva plural, como apresentado na primeira sessão deste estudo.

Embora tenhamos discorrido sobre alguns conceitos de palavras, priorizamos a análise de algumas delas, pronunciadas nos discursos do presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, observando os seus sentidos dentro do contexto de uso. Assim, entendemos que as palavras em questão podem designar diferentes perspectivas acerca da pandemia enfrentada em nosso país, o que nos permite dizer que o termo palavra é perpassado por conceitos que se relativizam a partir do ponto de vista teórico em que está inserido o estudioso, bem como há uma relatividade de sentido ou significado da palavra quando aplicada em determinados momentos. A relatividade conceitual do termo palavra ou do próprio sentido do que se pretende estudar está condicionado a fatores externos.

Partindo disso, percebe-se que o uso das palavras é carregado de intenções que representam de maneira positiva ou negativa os propósitos discursivos e ideológicos dos falantes em diversificados contextos. No caso deste estudo, as palavras destacadas nas entrevistas do presidente Bolsonaro ganham entonações específicas, diferentemente do sentido comum que se têm em outras situações, tornando-se produtoras de sentidos que vão de encontro ao que se espera de um chefe de Estado, que outrora deveria proferir discursos que disseminem esperança, respeito, grandeza e compaixão.



## Referências

- ANTUNES, Irandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística*. (teoria lexical e linguística computacional). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. London: George Allen & Unwin Ltd, 1933.
- BLOOMFIELD, Leonard. Um conjunto de postulados para a ciência da Linguagem. In: DASCAL, Marcelo (Org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*. Campinas: UNICAMP, 1978 [1926].
- BRASIL tem 867.882 casos de Covid-19 e 43.389 óbitos, mostra consórcio de veículos de imprensa no boletim das 20h. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 jun. 2020. Primeiro Caderno. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/brasil-tem-867882-casos-de-covid-19-43389-obitos-mostra-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-no-boletim-das-20h-1-24479529>. Acesso em: 30 set. 2020.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Projeto de lei 3907/2020*. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2258514>. Acesso em: 25 out. 2020.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Problemas de lingüística descritiva*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1971.
- CAPONI, Sandra. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. *Estudos Avançados*, v. 34, n. 99, 2020. p 209-223.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2016.
- COELHO, Braz José. *Estrutura e funcionamento da língua portuguesa*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.
- DUBOIS, Jean *et. al.* *Dicionário de lingüística*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- ELSON, Benjamin; PICKETT, Velma. *An introduction to Morphology and Syntax*. Califórnia: Summer Institute of Linguistics, 1962.
- MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfo-sintática do português*. 9. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.
- PERINI, Mário Alberto. *Princípios de Linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- PORTAL FIOCRUZ. Perguntas e respostas. *Fundação Oswaldo Cruz*, Manguinhos-RJ. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-virus-recebeu-o-nome-de-covid-19>. Acesso em: 28 out. 2020.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAKAMOTO, Leonardo. Brasil é 2º lugar em mortos. Se invadirmos hospitais, chegaremos a 1º. *Uol Notícias*, São Paulo, 12 jun. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/06/12/brasil-e-2-lugar-em-mortos-se-invadirmos-hospitais-chegaremos-a-1.htm>. Acesso em: 30 set. 2020.

SILVA, Rafael; PASTI, Daniel. Da "gripezinha" ao "e daí?": as falas de Bolsonaro em cada fase da pandemia. *A Gazeta*, Vitória-ES, 05 maio 2020. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/politica/da-gripezinha-ao-e-dai-as-falas-de-bolsonaro-em-cada-fase-da-pandemia-0520>. Acesso em: 30 set. 2020.

SPINA, Segismund. *Introdução à ecdótica*. São Paulo: Cultrix, 1977.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Tradução Rodolfo Ilari; revisão técnica Ingedore Villaça Koch; Thaís Cristófaró Silva. São Paulo: Contexto, 2011.

Recebido em: 20/2/2021

Aprovado em: 9/4/2021